

# Editorial

---

Chegamos a quarta edição da Mix Sustentável. Depois da primeira edição regular, e de duas edições vinculadas a congressos (SBDS2015 e ENSUS 2016), apresentamos a segunda edição regular, completando o seu primeiro ano de circulação. A conquista não é fácil em um país onde os números são muitas vezes mais importantes do que o contexto. Os esforços, constantemente, ficam preteridos ao segundo plano, submetidos ao julgamento por vezes preconceituoso de quem somente conhece uma parcela do todo.

Exemplo disso vivenciamos durante este mês olímpico, onde por alguns dias, deixamos de lado questões que nos afligiam para, momentaneamente, nos debruçarmos em frente a televisão e torcer por medalhas nos Jogos Olímpicos. E em meio a pontuais alegrias, advindas de talento individual, sorte ou esforço quase heroico, terminamos com a sensação de que poderíamos ter feito muito mais.

Mas neste contexto, o que muitas vezes a grande parcela da população não vê, é que o resultado final, que é visível e, por conseguinte, julgável, é resultado de muito tempo de dedicação, investimento pessoal, apoio e colaboração mútua. Quando isso inexistente, o que nos sobra é torcer pelo surgimento de “heróis” ou acreditar na sorte.

Esse olhar ao esporte, vivenciado de modo especial neste mês, deve ser dirigido também à ciência Brasileira. Carecemos de “nobels” da mesma forma que carecemos de “ouros olímpicos” e isso está enraizado na própria cultura de nosso povo. O resultado final é fruto do trabalho prévio. Se a preparação foi ineficiente ou insuficiente, dificilmente o resultado final será, ao menos, adequado, que dirá especial ou digno de louvor. Isso somente será mudado quando entendermos, nós pesquisadores, professores, estudantes, governantes, etc. que somente a união em prol da construção coletiva do conhecimento poderá fazer a diferença. É necessário que existam recursos, que se invista tempo, dedicação e suor, para que em uma escala evolucionária possa se criar a cultura da ciência assim como do esporte.

Infelizmente temos visto, no ambiente universitário, que deveria representar essa união em prol do desenvolvimento e representar algo a ser seguido, uma visão contrária, com grupos isolados, competindo uns com os outros na busca de reconhecimentos individuais, muitas vezes muito aquém do que se poderia obter considerando-se o capital intelectual envolvido. Resta-nos, como

bons pesquisadores, indagar o motivo. Encontrar e aplicar nas raízes do problema, a cura.

O trabalho coletivo é um desafio! Principalmente quando consideramos que a sustentabilidade integra profissionais de formações diversas, das áreas humanas, sociais, econômicas. A formação exata se contrapondo ao subjetivo. Conciliar, integrar estas visões, é tão crucial quanto duas faces da mesma moeda. Mas aqui temos de lidar com a imperícia, por vezes intrínseca a nossa própria formação, inerente ao trato do ser humano, da motivação, das diferentes personalidades e objetivos pessoais, aliados a um objetivo comum.

Assim evolui nossa sociedade. Alguns poucos heróis corajosos e dedicados aventuram-se ao risco da inovação e somente uns poucos, mais raros do que os primeiros, ganharão uma medalha sob o jugo de uma plateia ávida. De forma alguma, sua atuação isolada, poderá promover a mudança, sem que haja o desenvolvimento de uma cultura.

A mudança só ocorrerá quando a atuação individual for assimilada pelo coletivo até que uma nova cultura se estabeleça. Só assim novos patamares de desenvolvimento podem ser atingidos. A nossa esperança repousa aqui.

A sustentabilidade, foco central deste periódico, exige essa mudança. Os artigos apresentados neste número mostram que apesar de todo estudo, e de toda evolução que tivemos desde a primeira conferência mundial do meio ambiente, no distante ano de 1972, ainda há muito que fazer. E se não nos unirmos buscando um resultado coletivo, o grande tema da Rio + 20 “Nosso Futuro Comum” dependerá, da mesma forma que nossa participação nas próximas olimpíadas, de sorte ou do aparecimento de um herói.

Lisiane Ilha Librelotto  
Paulo César Ferroli